

Nome: Ravena Olinda Teixeira

E-mail: ravenaolinda@usp.br

Instituição de Ensino: USP

Orientador: Luís César Guimarães Oliva

EUTANÁSIA, ABORTO E SUICÍDIO PELAS LENTES DE ESPINOSA

Na *Ética* Espinosa não nos dá uma definição exata para o conceito de morte, mas nos permite, através de várias proposições e exemplos, propor algumas perspectivas possíveis para esse conceito. Primeiramente, a identificaremos como fim das relações, pois um indivíduo morto não pode manter nenhuma relação com os corpos exteriores e porque quando cessa a relação interna que faz do indivíduo um ser singular, necessariamente ele deixa de existir. Disso se segue que a morte é, sobretudo, o fim das relações internas e externas. Com base em uma das principais referências e definições de Espinosa sobre o conceito de morte, na qual ele a define como desajuste ou como decomposição, veremos que essa decomposição, se referida ao homem, acontece tanto no corpo quanto na mente, posto isso, consideraremos a morte como a decomposição do corpo e como a decomposição da mente. Nas palavras de Diana Cohen¹, a primeira é a morte biológica e a segunda é a morte psicológica.

O que diferencia os indivíduos são suas relações internas. Entretanto, é importante ressaltar que essas relações internas são, de certa forma, resultado de suas relações externas, pois a partir do momento em que o indivíduo surge, inicia-se seu processo contínuo de individualização e durante esse processo ocorrem, o tempo todo e ao mesmo tempo, inúmeras relações, tanto entre os corpos que compõem esse recente indivíduo, quanto desse recém indivíduo com os demais corpos externos, isto é, com o meio. Assim, a vida de um indivíduo é ininterruptamente marcada por suas relações internas e externas, poderíamos dizer até mesmo que sua vida é determinada pelos efeitos causados por essas relações, com efeito, pelos resultados, positivos ou negativos, de suas afecções. Se é dessa maneira que se sucede com a vida, é

¹ COHEN, D., **Acerca de la posibilidad de un imposible: El suicidio en la lente de Spinoza**, en E. Fernández y M. de la Cámara (comp.), *El gobierno de los afectos en Baruj Spinoza*, Madrid, Editorial Trotta, 2003.

igualmente dessa maneira que se sucede com a morte, por isso se podemos afirmar que a vida é o início de uma determinada relação singular que tem com os corpos exteriores muitas relações, isto implica que a morte, por sua vez, nada mais é que resultado das relações com os corpos externos, que negativamente, resultam no fim da relação singular, por consequência, a morte é considerada, neste primeiro tópico, enquanto o fim das relações.

Na quarta parte da *Ética*, exatamente no escólio da P39, o filósofo em questão nos dá o exemplo de um suposto poeta espanhol que havia sofrido de uma enfermidade e esquecido de sua vida passada. Desse exemplo, ele levanta algumas questões que podem embasar nossa discussão sobre o conceito de morte. Inicialmente ele afirma que não significa que um corpo esteja vivo apenas porque suas funções biológicas, tais como a corrente sanguínea, esteja funcionando, e nem que um corpo morra apenas quando se torna um cadáver. Nesse sentido, Espinosa parece nos revelar que a morte é algo que pode ser dividido em dois acontecimentos, ou seja, ela pode ser considerada sob duas perspectivas: a morte do corpo e a morte da mente, mas também se pode dizer que ele nos guia para algo ainda mais inovador que é a negação da morte e a afirmação das afecções, sugerindo que em sua filosofia não existe morte, pois nada deixa de existir e o que existe são afecções, porque é a partir do fim de uma relação que novas relações se iniciam e assim sucessivamente. Por isso, Deleuze² não conclui que a morte seja o fim das relações, mas uma nova composição de relações. Não esqueçamos que o indivíduo enquanto ser singular é resultado de suas relações internas e relações externas, mas são somente as relações externas que ocasionam o “deixar de existir” desse indivíduo.

A concepção de morte é apontada por Spinoza³ parece referir somente ao corpo. A destruição do corpo é resultado da intensa atividade de mistura entre os corpos. A morte considerada apenas enquanto decomposição do corpo se aplica não só ao homem como também a todas as coisas singulares corpóreas, e se aplica principalmente para o que classificamos como inorgânicos. Mas como dizemos que um homem está morto? A morte do homem não pode ser analisada apenas por essa perspectiva, pois o homem não pode ser reduzido ao corpo nem a um conjunto de

² Deleuze, G. **Cursos de Gilles Deleuze sobre Spinoza**. Vincennes, 1978-1981. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso et al. Fortaleza: EdUECE, 2009.

³ “Por outro lado, aquilo que faz com que as partes do corpo humano adquiram, entre si, outra proporção entre movimento e repouso, também faz com que esse corpo assuma outra forma; isto é, faz com que o corpo humano seja destruído” EIVP29S.

funções puramente mecânicas. Cohen assevera: “O homem é tanto história como antecipação, não é vida meramente biológica, senão vida biográfica”⁴. Isso que dizer que o homem não só está na história como atua sobre ela, tanto na sua história como na história dos outros corpos e na história do meio, porque o homem é um ser que sabe de sua existência. Com efeito, afirma que um homem sofre transformações tais que, possivelmente, não fosse mais o mesmo, por isso a morte também pode ser a decomposição da mente.

Portanto, considerar a morte como decomposição do corpo e principalmente como decomposição da mente, é o que faz com que nosso autor tenha, da tradição, um dos seus maiores distanciamentos. A morte enquanto decomposição da mente é especificamente aplicada ao homem e é também reconhecida por Cohen como morte psicológica ou mesmo como a morte da identidade pessoal, porque o homem não é só um corpo composto de corpos, ele também possui mente, e em sua mente existem várias faculdades que o fazem ter conhecimento de si enquanto pessoa singular. Também existem traços, deixado por suas afecções, que o moldaram, construindo, ao longo de sua duração o que ele é, embora o homem esteja sempre em mudança, pois está sempre em encontros. Há sempre de existir algo, em cada indivíduo, que sejam suas características de personalidade, aquelas através das quais as outras pessoas nos diferenciam e nos classificam. No caso do poeta espanhol, apesar de seu corpo continuar vivo, Spinoza o declara morto. Segundo Cohen, nessa perspectiva de morte, uma pessoa morre quando cessam seus processos neurológicos, e, com isso, tem fim sua continuidade psicológica e sua identidade pessoal. Ao ler o exemplo dado por Spinoza sobre o poeta espanhol, percebemos que esse suposto poeta sofreu algumas afecções por conta de uma enfermidade e depois de curado dessa enfermidade ele esqueceu sua vida passada de tal forma que nem acreditava ter sido o escritor de suas comédias. Desse exemplo, Espinosa parece nos indicar que a mente do poeta morreu, se decompôs, embora seu corpo continuasse vivo. Cohen confirma essa interpretação: “está reconhecendo que, ainda que subsistam certas funções vitais, se pode considerar a esse indivíduo morto”.⁵ Com efeito, é a partir dessas colocações sobre o conceito de

⁴ “El hombre es tanto historia como anticipación, no es vida meramente biológica, sino vida biográfica” (p.52)

⁵ “Esta reconociendo que, aunque subsistan ciertas funciones vitales, se puede considerar a esse individuo muerto.” (COHEN, 2001 p. 54)

morte que a filosofia de Espinosa abre espaço para pensarmos em eutanásia, aborto e suicídio.

Palavras-Chave: Eutanásia. Aborto. Espinosa.